



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTORIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTORIA

PATRICK ANDERSON DA SILVA SOUSA

REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NO IMAGINÁRIO DO GÊNERO  
MUSICAL FORRÓ

CAMPINA GRANDE – PB  
JUNHO/2012

PATRICK ANDERSON DA SILVA SOUSA

REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NO IMAGINÁRIO DO GÊNERO  
MUSICAL FORRÓ

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena  
em História da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciado em História

Orientadora: Ms. Maria José Silva Oliveira

CAMPINA GRANDE – PB  
JUNHO/2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S725r

Sousa, Patrick Anderson da Silva.

Representação do masculino no imaginário do gênero musical forró [manuscrito]: / Patrick Anderson da Silva Sousa. – 2012.

37 f.: il.: color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Ma. Maria José Silva Oliveira, Departamento de História”.

1. Cultura Popular 2. Gênero 3. Forró I. Título.

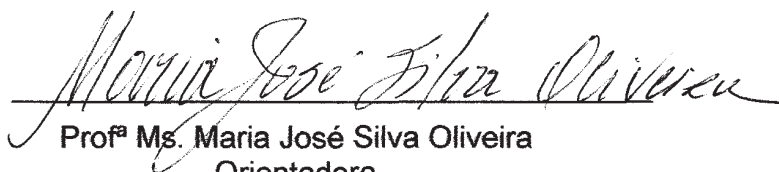
21. ed. CDD 306

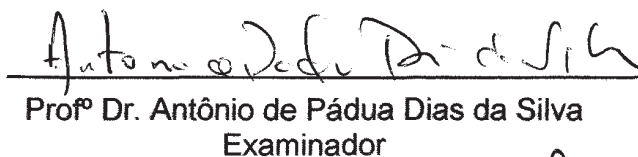
PATRICK ANDERSON DA SILVA SOUSA

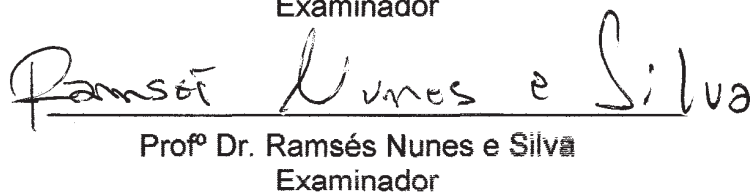
REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NO IMAGINÁRIO DO  
GÊNERO MUSICAL FORRÓ

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC,  
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena  
em História da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência para  
obtenção do grau de Licenciado em História

Aprovado em 19/10/2012

  
Profª Ms. Maria José Silva Oliveira  
Orientadora

  
Profº Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva  
Examinador

  
Profº Dr. Ramsés Nunes e Silva  
Examinador

# REPRESENTAÇÃO DO MASCULINO NO IMAGINÁRIO DO GÊNERO MUSICAL FORRÓ

SOUSA, Patrick Anderson da Silva

## RESUMO

Este artigo é resultado da pesquisa realizada em 2006, pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/CNPq/UEPB, orientado pelo Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, intitulado “Representação Do Masculino No Imaginário Do Gênero Musical Forró”, Na Área/Sub-área “LINGUISTICA, LETRAS E ARTES (LLA), 8.02.07.00-6- Outras Literaturas Vernáculas”. Teve como objetivo responder algumas inquietações que surgem no âmbito das ciências humanas, na questão de gênero: saber se há uma crise do masculino na região Nordeste, sendo representadas nas canções de forró. Tal questionamento torna-se necessário tendo em vista que os estudos levantados acerca das relações de gênero apontam para uma possível crise do masculino na contemporaneidade, Nolasco (1995). Na contextualização de Le Rider (1992), *uma certa idéia de desconstrução do masculino aparece estreitamente ligada à transição para a modernidade*. Desse modo a crise estaria ligada a uma grande fissura ocorrida na relação homem/mulher, a ponto de alterar alguns valores e comportamentos. O presente Artigo tem como fundamento relatar a pesquisa realizada para constatar se há ou não nas estruturas de gênero uma crise. A nossa costura na pesquisa teve como pano de fundo a cultura nordestina, pois em face dos vários discursos culturais que sustentam uma possível crise do sujeito homem - o nordestino, constata-se que ainda se mantém numa base sólida da cultura falocêntrica e patriarcal. O objetivo maior da pesquisa foi tão somente investigar se o que a corrente crítica do “masculinismo” aponta como uma verdade inquestionável – a crise do homem contemporâneo – corresponde diretamente à representação deste mesmo homem contemporâneo nas letras de músicas de forró. Discutir conceitos e a historicidade do gênero musical aqui citado, não caberia na proposta da pesquisa realizada, bem como discutir fundamentos da crítica do gênero extrapolaria os limites teóricos-críticos da pesquisa. Contudo tão somente que quando aparecer, o gênero musical forró, diz respeito as relações de poder instauradas entre a base falocêntrica e outras bases.

**PALAVRAS CHAVES:** Representação, Masculino, Forró.

## SUMARIO

Introdução .....	6
Fundamentação Teórica .....	8
Métodos e Técnicas .....	18
Resultados .....	20
Discussão .....	23
Conclusão .....	29
Abstract .....	31
Referências .....	32
Corpus de Análise .....	34

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus,

Pois sem ele não teria chegado até aqui.

A minha amada esposa, pelo apoio, compreensão, ajuda, e, em especial, por todo carinho ao longo deste percurso.

A minha mãe pelas constantes orações, e força que me deu.

Aos meus amigos e colegas de curso, em especial a Sayonara, que me ajudou e colaborou para que este trabalho se concluísse.

À professora Maria Jose, pela orientação deste trabalho.

Ao professor Pádua, por me convidar a participar de um projeto, que virou relatório e que se concluiu com o TCC.

E a todos que de uma forma ou de outra me ajudaram a concluir este curso,

Simplemente, Obrigado!...

## INTRODUÇÃO

Pensar as relações de gênero hoje implica, antes de tudo, nos situarmos quanto à contextualização desta temática no tempo e no espaço, para, a partir de então, encontrá-la em um universo de representação em vários discursos – como o da psicologia, da história, da cultura, da sociologia, do trabalho, economia –, campos de estudos que vêm levantando a possibilidade de uma crise do masculino na contemporaneidade, em virtude de vários fatores como o alargamento da posição e atuação da mulher na sociedade, a individualidade, e a estrutura sócio/econômica e familiar que tem se modificado ao longo do tempo. Esses estudos nos possibilitam levantar alguns questionamentos em torno da problemática homem/mulher: Estaríamos passando realmente por uma crise da identidade masculina no Nordeste brasileiro, tendo em vista que o nordestino possui uma base cultural bastante arraigada no discurso falocêntrico e tendo como organização social ainda a representação patriarcal? Seria o lugar ocupado pela mulher, hoje, na sociedade a resposta para essa possível crise?

Tais questionamentos tornam-se necessários, tendo em vista que os estudos levantados acerca das relações de gênero apontam para uma possível crise do masculino na contemporaneidade. Para Nolasco (1995, p.15), segundo uma contextualização de Le Rider (1992), *uma certa idéia de desconstrução do masculino aparece estreitamente ligada à transição para a modernidade*. Desse modo a crise estaria ligada a uma grande fissura ocorrida na relação homem/mulher, a ponto de alterar alguns valores e comportamentos.

Portanto, o presente artigo tem como fundamento direcionar a pesquisa para constatar se há ou não nas estruturas de gênero uma crise. A nossa costura nessa



pesquisa faz-se tendo como pano de fundo a cultura nordestina, pois em face dos vários discursos culturais que sustentam uma possível crise do sujeito homem, o nordestino parece manter uma base sólida da cultura falocêntrica e patriarcal. Tais análises se estendem até às camadas médias/baixas da população, as chamadas camadas populares, para tentarmos perceber se os discursos de gêneros que envolvem a mudança de comportamento têm sido uma realidade ou não.

Para tal, utilizamos como fio condutor do nosso projeto a análise de letras do gênero musical forró delimitada nas décadas de 50 e 90, pois muito tem a contribuir para os estudos culturais desenvolvidos no Nordeste, uma vez que esse gênero musical aborda em sua constituição temática tal percepção, de forma que reforça as estruturas erguidas sobre os discursos falocêntrico, patriarcal, machista e heterossexual, discursos esses fortemente enraizados no imaginário coletivo nordestino.

O objetivo maior da pesquisa foi tão somente investigar se o que a corrente crítica do “masculinismo” aponta como uma verdade inquestionável – a crise do homem contemporâneo – corresponde diretamente à representação deste mesmo homem contemporâneo nas letras de músicas de forró. Discutir conceitos e a historicidade do gênero musical aqui citado, não caberia na proposta da pesquisa realizada, bem como discutir fundamentos da crítica do gênero extrapolaria os limites teóricos-críticos da pesquisa. Dizemos tão somente que toda vez que o gênero musical for usado, diz respeito às relações de poder instauradas entre a base falocêntrica e outras bases.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Através de várias leituras teóricas, percebemos que historiadores, psicólogos e especialistas da área das ciências sociais colocam em questão a identidade e o comportamento masculinos, apontando uma possível crise do masculino no imaginário coletivo ocidental. No Brasil um dos pioneiros no assunto é o psicólogo Sócrates Nolasco, que aborda a questão da identidade do homem como padrão de masculinidade. Tais atividades e comportamentos do “macho”, é socializado a toda criança do sexo masculino a fim de tornar-se um “homem de verdade”.

Acho que o padrão de masculinidade se expressa de varias formas. Essencialmente, é a sensação de que só se é homem de verdade ao tratar o próximo como menos homem. É a crença de que de certa forma só dá para atingir certo grau de masculinidade sem a presença de mulheres ou somente na companhia de outros homens, ou através de atos que até certo ponto lhe deixem diante das mulheres se achando melhor do que elas. Acho que o padrão de masculinidade vem muito da crença de que existe um homem de verdade (NOLASCO, 1997, p.13)

Podemos observar, portanto, que se começa a internalizar a questão da infância até a mudança de comportamento na fase adulta, momento em que, segundo Nolasco, o homem mantêm um estereótipo: coloca a anatomia como ponto de referência para definir o gênero: “A anatomia tem servido como um ponto seguro para referendar algumas certezas culturais criadas para definir homem e mulher” (NOLASCO, 1995, p.25).

A masculinidade, assim como a feminilidade é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional (CONNELL, 1995). Portanto, está inserida numa relação tempo/espaço.

Alguns autores que buscam trabalhar a relação de gênero procuram enquadrar essa relação em uma análise do poder, como é o caso de Connell (1995). Desse modo, podemos afirmar que a relação de gênero é um princípio organizador e fundamental em nossa sociedade. Organizador, porque o estereótipo seleciona o que é ser homem e ser mulher, masculino e feminino bem definidos. Ao masculino sempre foi atribuído como sendo o princípio da fecundação humana, mas hoje no Brasil isso já mudou, vemos que o masculino não é mais o principal e sim parte dele, o feminino já assumi posturas ativas também.

Para Garcia (1998), nos poucos estudos realizados no Brasil sobre o comportamento sexual e reprodutivo que envolve a relação de gênero, os discursos que a permeiam determinam as características e comportamentos, onde quem possui o poder maior nessas relações ainda é o homem.

Tratar da relação homem/mulher implica antes de tudo enquadrá-los em uma análise sexual, análise essa fortemente ligada ao poder. No passado por podemos constatar que era atribuído ao homem a atividade, a virilidade, chegando a ser considerado o sexo quente; e à mulher era atribuído a passividade, a frieza e a serenidade. Percebemos, então, uma relação de poder que exalta o gênero masculino nas bases patriarcais. Contudo, alguns homens buscam expressar suas emoções se contrapondo a esse modelo ocidental (branco, viril e heterossexual), desse modo:

O masculino, enquanto verdade e modelo, vem sofrendo sucessivas relativizações, chegando a ser um recurso de linguagem utilizado no cotidiano para sinalizar algum tipo de jogo estabelecido entre indivíduos como categoria universalizadora, está sem sentido (NOLASCO, 1995, p.27)

Outros especialistas discutem também a questão da identidade masculina em crise, a exemplo do antropólogo Roberto da Matta, que discute, em artigos, sobre identidade e formação do caráter masculino, através de experiências pessoais, resgatando a infância/adolescência dos sujeitos, colocando como a masculinidade é posta em questão ou auxilia a moldar caráter, através de uma simples brincadeira.

Num plano superficial, a brincadeira chamada de 'tem pente ai?' era uma brincadeira de mau gosto e um teste de masculinidade, uma espécie de prova que ajudava a separar os 'normais' dos 'fronteiros' [...] Numa brincadeira inocente que por isso mesmo revela sua enorme importância na constelação de elementos que constituía a ideologia da masculinidade [...] (DAMATTA, 1997, p. 36)

Por sua vez, o escritor/dramaturgo João Silvério Trevisan discute também, através de experiências pessoais, a masculinidade e a homossexualidade, colocando suas próprias experiências de vida, recortes, escolhas e vivências, como transitória, análises de como a questão da identidade masculina é construída, numa sociedade cristã-patriarcal que cria assim estereótipos da masculinidade, ou uma feminilização do verdadeiro homem, pois. "[...] nesse grande espetáculo do desejo, a homossexualidade é sem dúvida uma flor incômoda plantada no coração do masculino." (TREVISAN, 1997, p. 54). Por ter assumido uma determinada opção sexual, analisa, sob outro ângulo, a história do homossexualismo, colocando em questão valores e conceitos da sociedade, esta mesma que cria os estereótipos e determina o que é normal do que não é.

Todos os teóricos(as)/críticos(as) aqui citados apontam, cada um em sua visão, para uma determinada *crise do masculino*, afirmando que a modernidade é produtora desse "homem moderno", trazendo, assim, para a sociedade, mais precisamente para o homem, uma carga exaustiva de opressão sobre ele mesmo, pois este paga um preço muito alto por essas mudanças repentinas que vêm junto com esse processo de modernização, que diretamente não causa problemas e

rupturas bruscas, mas impõe a esse homem uma mudança comportamental que nem sempre condiz com a sua vontade ou condições emocionais para chegar a uma certa “*evolução*”, ao longo do tempo.

Os movimentos feministas e suas conquistas contribuem em muito para colocar em dúvida questões do masculino em relação a essa postura e lugares que sempre foram de imposições. E isso ao longo do tempo foi sendo colocado em cheque, como afirma Bordieu (2003): “[...] a maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível [...]”. Vemos, pois, que a eterna dominação masculina hoje é discutida e questionada em outros discursos. Não só essa dominação, mas também os espaços sociais e os direitos que as mulheres já obtiveram, isso com certeza recai diretamente sobre questões do masculino.

É por isso que todos apontam para uma crise, pois nas sociedades de base patriarcal ou falocêntrica onde o homem não é mais o centro das atenções, supõe-se que a identidade masculina esteja entrando em crise. Contudo, ficamos com a sugestão, idéia, ou a afirmação da psicóloga/psicoterapeuta sexual Mara Barasch, que afirma:

O homem deve acompanhar o curso das mudanças sociais sem perder o seu próprio referencial interno. Deve ser assertivo em suas relações a ponto de se expressar para sentir-se bem, construindo um referencial externo a partir disso. Só assim conseguirá viver e lidar com situações externas e a diversidade das mudanças. (BARASCH, 1997, p.118).

Mudanças que ocorreram também na questão da sexualidade: socialmente é construída a idéia de que os homens têm que demonstrar um distanciamento emocional e uma atitude de comportamento de risco, supondo que eles estão prontos para a prática do sexo a qualquer momento e constantemente procurando-o (GARCIA, 1998, p.42). Agindo assim, a responsabilidade fica quase olvidada em discussões sexuais entre homens, pois não se fala em qualidade e sim em

quantidade de relações sexuais e sem o uso do *condom*<sup>1</sup>, pretendendo confirmar nos discursos sua masculinidade (KIMMEL, 1995). Esse comportamento tipicamente mantenedor da condição de viril, com o passar do tempo, vem sendo modificado: tivemos uma revolução sexual; as mulheres têm se colocado mais e deixado perceber os seus desejos, dizendo sim ao prazer sexual, sendo capazes de ter sua sexualidade “masculina” (GARCIA, 1998, p. 42). O reflexo desse ganho feminino frente aos homens é percebido através da forma como eles estão tentando situar-se no contexto: estão cada vez mais buscando ajuda psicoterapeuta para resolverem seus problemas sexuais (não o mais comum como ejaculação precoce, nem também físicos, mas psicológicos), pois o lugar que era exclusivo deles – a dominação, a conquista, o prazer sexual – estão sendo postas à prova.

Contudo, não apenas na questão sexual é que existem questionamentos, mas nas práticas contraceptivas também em que historicamente excluiu-se o homem e/ou eles se colocaram à margem das discussões sobre o tema (KALCKMAN, 1998, p. 80); também há questionamentos principalmente pelas próprias mulheres que querem discutir hoje esses assuntos com os homens, pois essa responsabilidade sempre fora colocada sobre os ombros delas:

Será que os homens não se interessam e nem querem conversar sobre as práticas contraceptivas? Será que nós mesmas não os mantemos a uma certa distância desses assuntos que são “nossos”, que apesar de arcarmos com os riscos e conseqüências, detemos a ilusória possibilidade de controlar a nossa fecundidade, nosso corpo? Não é contraditório que muitas aceitam e usem o coito interrompido, apesar de todos preferirem que tal prática é geradora de angústia, conferindo ao homem todo o poder de decisão? (KALCKMANN, 1998, p-81)

Daí percebemos que as mulheres “acordaram” para essa questão, e que divida também a responsabilidade com os homens, pois sempre foi colocado que comportamentos que não fossem próprios do gênero masculino como superioridade, força, poder, virilidade, insensibilidade, ou seja, tudo o que não se aproxima de uma

---

<sup>1</sup> Condom: termo utilizado na língua inglesa para designar preservativo.

idéia de “macho” corresponderia à idéia ou natureza do feminino que conseqüentemente viria a ser desqualificado (VILELLA, 1998, p. 133), pois neste sentido a cumplicidade grupal é determinante, existindo um reforço da identidade masculina:

Para homens, o grupo é o foco da vida social e a matriz de referência. Estar entre homens – no bar, nos esportes, no trabalho – é compartilhar do atributo coletivo “masculinidade” sem se defrontar com questionamentos ou entraves individuais a respeito do que seja “ser masculino”. (VILELLA, 1998, p. 134).

Paralelamente a essa questão de mudança, vem ocorrendo também nas mesmas proporções, na vida cotidiana de pais e mães, mudanças comportamentais relacionadas à criação de filhos que atinge diretamente os pais, pois as mulheres buscaram se libertar das amarras tradicionais que as interpretavam como únicas capazes desta atividade, fato que por muito deu margem à construção da “guerra dos sexos”. Apesar dessa mudança não ser tão fácil no plano social, mais precisamente no âmbito de saúde sexual e reprodutiva, tem havido interesse de ambas as partes em repensar a responsabilidade do homem na família e na reprodução humana. É onde entra a mídia veiculando o termo “nova paternidade” (MEDRADO, 1998, p. 154).

O pai sempre foi considerado o provedor-protetor ou o líder instrumental da família, enquanto a mãe era quem cuidava efetivamente dos filhos, assumindo o papel de líder expressivo-afetiva. Contudo, hoje é diferente, em diversas áreas da atividade humana os pais são reconhecidos não só como afetivamente importantes para os filhos como também aptos para os filhos como também aptos para providenciar todos os cuidados necessários para o seu bem-estar, inclusive aqueles antigamente restritos exclusivamente as mães. (TRINDADE, 1991, p.30)

Veja-se a criação de filhos, cujos pais, geralmente sem opções, se vêem na obrigação de deixar seus filhos na creche, por exemplo, ficando sujeitos à orientação e educação nas mãos das pessoas, às vezes, não qualificadas para tal função:

“As crianças são socializadas para a sexualidade por educadores que por vezes desconhecem o desenvolvimento infantil e têm uma visão preconceituosa, principalmente no que se refere ao gênero, raça e pobreza.” (CRUZ, 1998, p. 236).

Com uma visão totalmente crítica, a psicóloga Elizabete Cruz questiona tais tratamentos nessas creches, onde crianças são marcadas com modelos estereotipados por concepções de uma cultura cristalizada. É através de pesquisas como a realizada por ela que se constata que em tal contexto meninas e meninos têm perdas com esse tipo de tratamento. Para que isto não ocorra é preciso compreender as exigências que são feitas a ambos os gêneros, e caminhar no sentido de configurar (com intuito de transcendê-los) aspectos nevrálgicos em cada especificidade (CRUZ, 1998, p. 237).

Com pesquisa realizada na própria creche a respeito da presença física de homens educadores neste ambiente, o resultado não foi positivo, isto é, não foi aceita a presença de homens neste espaço, a não ser em funções específicas que não o colocassem em contato direto com a criança. Vemos que as próprias educadoras não aceitaram o masculino compartilhando deveres que elas realizavam e determinavam ser exclusivo das mulheres (uma das educadoras mencionou que essa exclusividade seria um fator biológico, tirando qualquer possibilidade do homem praticar tal função), experiência que mantém ainda a maternagem como norteadora do princípio do cuidar da criança neste espaço específico e delimitado.

Por outro lado, a presença do masculino (pai) em casa e na vida da criança é de fundamental importância para o desenvolvimento da mesma, antes dela falar até os primeiros passos; essa presença ajuda na construção da identidade, pois o afeto corporal e sentimental possibilita a produção de sensibilidades, porque, se temos um



pai autoritário e disciplinador, isso irá apenas produzir seres violentos. (CORNEAU, 1995, p. 46).

Chegando a uma conclusão sobre o que os pesquisadores, psicólogos, e especialistas na área discutem, podemos observar que nos casos tratados sobre a identidade masculina, todos têm um ponto em comum: perceber que essa identidade está passando por uma crise, isso devido as conquistas das mulheres ao longo do tempo em várias áreas sociais. Porém, ainda vemos que essas mudanças não são fáceis de acontecer, existem muitas “barreiras” a serem quebradas, principalmente no Nordeste brasileiro, que é tido como uma das regiões mais resistentes a mudanças por motivos de fortes tradições.

Sabemos este espaço geográfico é interpretado sempre em segundo plano em questão de cultura, pois esses estudos/pesquisas, apesar de não haver ainda muita bibliografia sobre o assunto, são feitos em determinadas regiões abastadas e os seus resultados lançados por o todo o país como sendo “verdade incontestável”, criando estereótipos para que toda a sociedade siga ou concorde sem questionar, colocando a cultura popular nordestina, ou até mesmo o homem nordestino, à margem das discussões de gênero. O Nordeste, para Albuquerque Junior (2001), é uma construção do início no século XX, através da qual são lançadas práticas discursivas e não-discursivas que giram e em torno dos problemas climáticos da região:

O Nordeste surge como uma parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal. O Nordeste é, em grande medida, filho das secas; produto imagético-discursivo de toda uma serie de imagem e textos, produzidos a respeito deste fenômeno, desde que a grande seca de 1877 veio colocá-la como problema mais importante desta área. Estes discursos bem como todas as práticas que este fenômeno suscita, paulatinamente instituem-no como um recorte espacial específico, no país. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2001, pg.68).

Desse modo podemos observar como o Nordeste surge a partir de um problema (a seca), que o coloca à margem em relação a outras regiões tidas desenvolvidas, a exemplo da região Sul. Para Oliveira Viana, citado por Albuquerque Júnior (2001), considera-se o Sul, notadamente São Paulo, como “o centro de polarização dos elementos arianos da nacionalidade”, “local de uma aristocracia moral e psicologicamente superior”. O Sul seria o fundamento da nação, em detrimento daquelas áreas “onde dominavam as camadas plebéias, mestiças, profusa mistura de sangues bárbaros”, inferiores psicologicamente, ou desorganizadas em sua oralidade.

Assim, constatamos que não só a região Nordeste é inventada ou construída, a partir do início do século XX, mas estando os seus componentes envolvidos nessa construção, ou seja, o nordestino é antes de tudo também produzido através destas práticas discursivas e não-discursivas, tornando-se fruto dessa região. Na construção dessa figura, ou seja, do homem nordestino, é preciso fixar sua identidade como um ser viril e, portanto, a região nordestina como uma reserva falocêntrica, onde os discursos que através da imagem do homem vão estar centrados justamente nessa parte do seu corpo, que mais do que qualquer outra parte constitui a sua identidade: o sexo. Daí é que se tem uma preocupação desde cedo com o menino (criança), pois aqueles que não tinham um comportamento dentro dos padrões do que é ser homem na sociedade nordestina passará por uma série de repressões que vão desde a maneira de brincar até os gestos e comportamentos; já que o seu falo deveria ser honrado – falo enquanto parte material (= pênis) e gesto simbólico (= poder).

Isto é possível no Nordeste, por esta região ser um dos espaços mais resistentes a mudanças por motivos de fortes tradições. E como afirma Albuquerque Júnior (2003):

Quando dizemos, entretanto, homem nordestino, não é porque apenas estamos reproduzindo a generalização do discurso humanista (...) mas porque os discursos analisados não deixam dúvidas de que o homem nordestino é um homem, ou seja, é macho, é pensado no masculino, não há lugar para o feminino nesta figura. No Nordeste, até as mulheres seriam masculinas, macho, sim senhor! (...) seja por motivos eugênicos, telúricos ou histórico-cultural, o nordestino é cabra macho, é cabra da peste, homem de fibra, uma reserva de virilidade nacional. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003 pg. 165)

Assim, o autor citado trabalha a imagem do masculino no Nordeste, analisando os documentos publicados e disseminados na região no período em que se propõe analisar, fazendo uma certa crítica às obras de Gilberto Freyre, já que este escritor, em suas obras, aponta para uma crise comportamental e identitária do homem, trazidas com a modernidade, e como bem observamos, *Nordestino uma invenção do falo* é uma obra que relativiza essa idéia de crise posta por Freyre. Quando Albuquerque Júnior fala do homem nordestino, elenca inúmeras características que o vai definir como homem, macho, viril, patriarcalista e falocêntrico, fato que, do ponto de vista teórico-crítico, não corresponde, segundo esta pesquisa, diretamente à suposta crise enfrentada pelos homens nas sociedades ocidentais de hoje.

## METODOS E TECNICAS

Para realizar esta pesquisa foi necessário estabelecer algumas delimitações, tais como: o período (as letras de forró analisadas foram compostas ou tocadas nas décadas de 1950 e de 1990) e o objeto de estudo (canções do gênero musical forró), que possui uma grande abrangência devido a constante publicação de álbuns desse gênero musical. A pesquisa em discussão é de natureza quali-quantitativa.

Partindo do pressuposto de uma pré-análise, o material coletado serviu como corpus de análise, embasados em categorias teóricas como a masculinidade. Buscou-se fazer uma descrição analítica das letras de músicas encontradas nos encartes de CDs de forró, interpretando-as à luz das hipóteses aventadas na introdução deste projeto. Quanto a quantidade de CDs analisados, procuramos junto às radiodifusoras do Estado da Paraíba, mais especificamente as de Campina Grande e João pessoa, buscar aquelas de maior audiência e saber quais os CDs de forró mais tocados, as faixas mais pedidas e selecionar os encartes destes. Contudo algumas radiofusoras, devido ao avanço da tecnologia (Mp3), não detém um acervo de Cds constituídos também pelos encartes, dificultando a pesquisa, já que a análise passou a ser feita a partir da transcrição das musicas; quanto ao acervo musical da década de 1950, já não se encontra disponível, tendo em vista que fora vendido ou eliminado das emissoras de radiodifusão, tornando-se a dificuldade da pesquisa bem maior, pois se buscou a bater de porta em porta de amigos, parentes, conhecidos e acervos de vinil em lojas e colecionadores, encontrando um numero bem pequeno desta época.

Delimitou-se a época de produção destas letras escritas, executadas no ano de 1950 e 1990, pois essas duas décadas são de maior destaque em relação ao

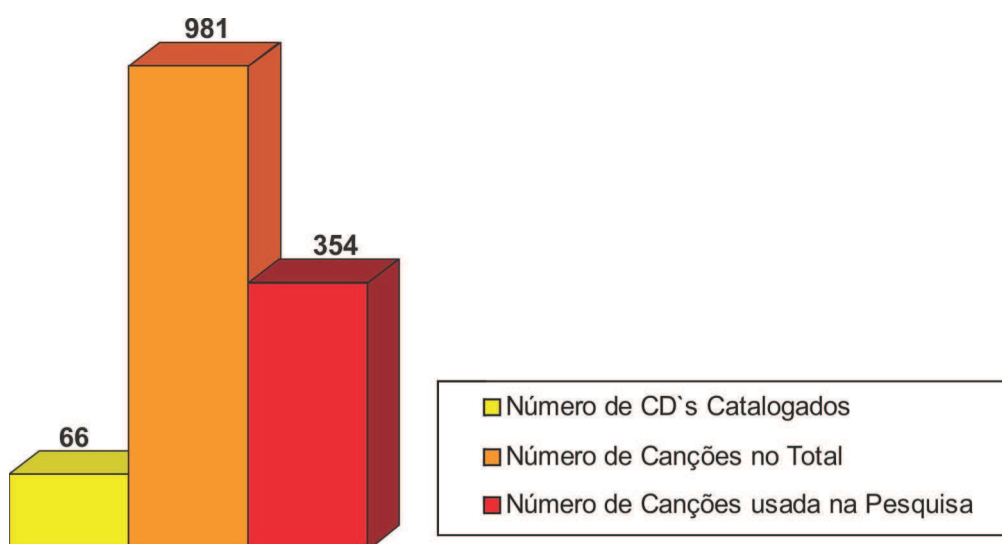
gênero musical forró: na década de 50 a música nordestina é lançada para todo o Brasil e na década de 90 é outro momento de diferenciação do forró onde vemos a nova roupagem do gênero chamado “New Forró”. Porém, não trabalharemos com material referente à história do gênero musical forró, porque esta pesquisa é tão somente direcionada para aspecto de conteúdo, vinculado apenas à representação do masculino no discurso das canções. Estas duas décadas são marcantes também para as questões de gênero, especificamente no que concerne ao masculino, porque tem-se, basicamente, estruturas culturais distintas: a década de 1950 oferece um perfil de homem centrado na base patriarcal ou falocêntrica, cujo modelo era pulverizado em toda a cultura brasileira. A década de 1990, por sua vez, denotaria um outro perfil para o sujeito do masculino: centrado na base do questionamento dos valores patriarcais e/ou falocêntricos.

A seleção das letras analisadas se deu a partir de critérios encontrados nas canções, que nos guiaram quanto à interpretação e análise. Tais critérios nos possibilitaram descobrir questões de comportamento do homem nordestino, a saber: dor/sofrimento por amor, características da identidade do nordestino; solidão, exaltação ou submissão de um gênero a outro; homem namorador e exaltação do amor a dois. Com esses critérios desenvolve-se a pesquisa e conseqüentemente os possíveis resultados.

## RESULTADOS

Os resultados apresentados nesta pesquisa tiveram como ponto de partida a leitura de 66 (sessenta e seis) cds, totalizando o equivalente a 981 (novecentas e oitenta e um) canções. Dentre estas, 354 (trezentas e cinquenta e quatro) canções referiam-se diretamente ao propósito da pesquisa, ou seja, 36% trazia em sua estrutura interna o dialogo com as representações do masculino.

### TOTAL DE CANÇÕES SELECIONADAS

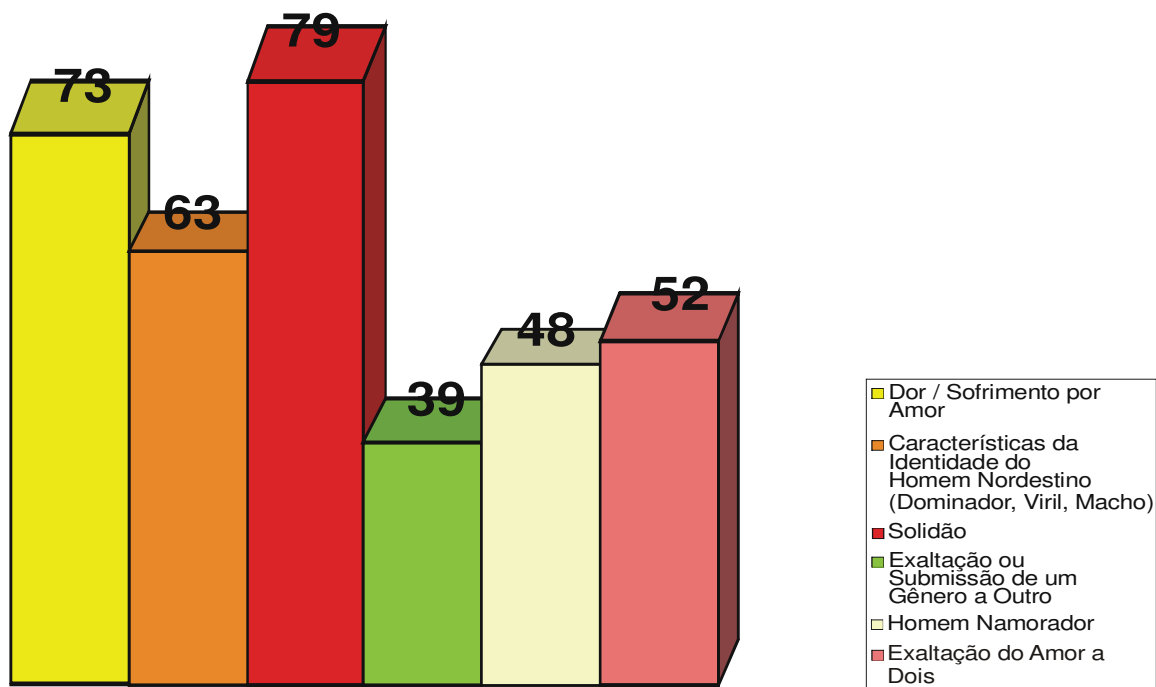


Os resultados do gráfico acima demonstram a seleção e o total de canções utilizadas para uma melhor interpretação da análise de gênero, pois esses dados nos possibilitam uma compreensão da discussão teórica aqui abordada. O gênero musical forró é de fundamental importância para essa discussão, pois esse gênero parece representar o Nordeste em suas bases culturais, a saber, as de ordem

falocêntrica e pautada na negatividade da mulher ou do que dela se aproxima, configurando-se como uma região misógena.

A pesquisa que ora se apresenta utiliza como objeto de análise canções do gênero musical forró, coletadas a partir de critérios que possibilitam uma melhor interpretação dos álbuns selecionados. De acordo com o gráfico abaixo, podemos observar tais critérios:

### CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DAS LETRAS



A tabela abaixo demonstra o processo de seleção das canções por critérios escolhidos como de maior importância para a pesquisa:

<b>CATEGORIAS DE ANÁLISE NAS LETRAS DE FORRÓ</b>						
<b>Critérios</b>	<b>Dor / Sofrimento por amor</b>	<b>Características da identidade do Nordestino</b>	<b>Solidão</b>	<b>Exaltação ou submissão de um gênero a outro</b>	<b>Homem namorador</b>	<b>Exaltação do amor a dois</b>
Número de CD's que apresentavam tal critério	38 Cd's	30 Cd's	38 Cd's	26 Cd's	25 Cd's	30 Cd's
<b>Total de canções em cuja estrutura havia a representação de tal critério</b>	<b>73 Canções</b>	<b>63 Canções</b>	<b>79 Canções</b>	<b>39 Canções</b>	<b>48 Canções</b>	<b>52 Canções</b>

Lembrar que um mesmo critério de interpretação foi detectado em mais de um Cd, fato que leva a soma dos 66 Cd's analisados ser alterados em virtude deste fato.

**Dados:**

Número de Cds analisados: 66 Cds.

Número de canções analisadas: 981 canções.

Número de canções que serviram como corpus de análise da pesquisa: 354 canções



## DISCUSSÃO

Segundo Albuquerque Júnior (2003), a masculinidade no Nordeste é construída através de práticas discursivas e não-discursivas que estabelecerão o que é ser homem e ser mulher, e quais os lugares reservados a cada um na sociedade. Nesse sentido, para este autor a identidade nordestina, ao ser construída no início do século, atribui ao homem características tipicamente masculinas (viril, macho). Nordestino “cabra da peste”, “pai d’égua”, parente de Lampião. Essa figura tão máscula é acompanhada, nos discursos sobre o Nordeste, de imagens de mulheres igualmente fortes: “O nordestino é macho. Não há lugar nesta figura para qualquer atributo feminino. Na região Nordeste até as mulheres são macho, sim, senhor” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2003, pg. 20).

Tomando como base algumas categorias citadas anteriormente nos resultados, podemos observar que na década de 90 começam a emergir alguns questionamentos nas canções do gênero musical forró em torno da imagem do homem nordestino, diferentemente das canções da década de 50, onde quase não percebemos este tipo de questionamento: as letras são direcionadas à exaltação de um caráter tipicamente patriarcal em que a questão do “macho” era característica que predominava na identidade construída naquele período.

Logo, ao trabalharmos com canções da década de 90, percebemos que apesar da ascensão da mulher, a partir da década de 60, em vários âmbitos da sociedade, constatamos que em tais canções existe uma grande reminiscência do falocentrismo, ou seja, a imagem do homem viril, patriarca e heterossexual ainda permanece presente no imaginário coletivo. Observando a tabela de critérios de análise das letras, podemos constatar uma grande quantidade de canções que

representam a identidade do homem nordestino (virilidade e machismo), como vemos nesse trecho da canção *Nordestino antes de tudo*, da Banda Mastruz com Leite (1998):

Cearense pode viver, fora do Ceará  
Bahiano sem a Bahia  
Penambucano sem Pernambuco  
**Nordestino só não pode ficar**  
**Sem rapadura e farinha pra mastigar**  
**Nordestino só não pode ficar**  
**Sem forró e mulher pra chamegar**  
(...)

Nordestino só não pode ficar  
Sem vaquejada e vaqueiro pra aboiar  
Nordestino só não pode ficar  
Sem forró e mulher pra chamegar

Notamos aqui características de um homem tipicamente machista, heterossexual, resistente a mudanças; desestabilizar a ordem identitária deste sujeito é inaceitável, idéia que se repete em outras canções, como *Só no Nane Nane* da Banda Mastruz com Leite, em cuja estrutura metaforiza-se o “chamego” a dois na expressão cantada “só nós dois no nane nane”, fato que constitui em várias canções coletadas, uma lógica ou forma de interpretar este homem nordestino, ou seja, através da relação heterossexual e contínua:

Eu arranjei uma menina  
**Tão linda e comecei a namorar**  
**Era um namoro arrochado**  
(...)  
Nós saímos do forró  
E ficamos só nós dois só  
**Só nós dois no nane nane**  
**Nane nane nane nane**  
O forró se acabou  
Todo mundo se mandou  
E eu fiquei com meu amor  
Só nós dois no nane nane  
Nane nane nane nane

As demais canções catalogadas segundo a mesma categoria de análise seguem esse mesmo modelo - um homem viril e machista -, superando quantitativamente quase todos os demais critérios, numa clara afirmação de que a estrutura patriarcal ou falocêntrica ainda está fortemente arraigada ao caráter do homem nordestino. Porém, a categoria **solidão** supera todos os demais critérios analisados, o que nos possibilita fazer um questionamento em torno desta problemática: Por que quanto mais existem canções que caracterizam esse homem como sendo viril, forte e dominador, paralelamente constata-se canções que falam deste mesmo homem solitário? A exemplo disso temos a canção *Queima* da Banda Noda de caju (s/d):

Nosso casamento acabado  
Eu não sei se vou suportar  
**Estou desesperado**  
Tudo fora de lugar  
A mente a mil por hora  
**Sem você amor não dá**

É em face de questionamentos como esse, que possibilitam analisar os discursos e as práticas falocêntricas, que observamos a contribuição do discurso para o fortalecimento de uma base cultural arraigada na tradição patriarcal, em contrapartida as respostas nem sempre refletem o esperado, pois este homem se encontra em vários conflitos tais como: dor, sofrimento, solidão, entre outros que demonstram uma certa fragilidade deste referente.

Encontramos na categoria namorador/conquistador uma exaltação à identidade do homem “macho”: por macho, entenda-se, faz-se referência ao sujeito do masculino que consolida sua virilidade através da operação somatória da matemática, isto é, quanto mais mulher ele tiver/namorar, maior poder ou domínio sobre o outro, homens e mulheres, lógica que diz respeito não apenas aos que habitam na região Nordeste do Brasil, mas a todo brasileiro (aos homens ocidentais, em geral); esse comportamento é sutilmente perpetuado, via discursos de representações, com maior vigor em textos feitos por nordestinos e no Nordeste. A exemplo, temos a canção *Uma pra mim, uma pra tu*, de Luiz Gonzaga:

Compadre tu ta vendo o que eu to vendo?  
 Compadre olha quanto murundu  
**Tem mulher no salão de todo jeito**  
**Mas vamos repartir direito uma pra mim e outra pra tu**  
 (...)  
 Compadre fique quieto vá por mim,  
**vamos lá que eu to contando seperando direitinho**  
**Uma pra mim, uma pra mim e uma pra tu outra pra mim**  
 Uma pra mim, outra pra mim, outra pra tu, outra pra mim

Esse machismo do homem namorador coloca a mulher conquistada como objeto de desejo. Esse modelo de homem, contido nessa categoria de análise, nos possibilita observar, por um lado, as canções relatam histórias do homem namorador e, por outro lado, a categoria dor/sofrimento por amor está na mesma proporção, que nos remete ao mesmo questionamento citado anteriormente, onde, analisando critérios diferentes, obteve-se resultados semelhantes, reforçando a idéia de que existe uma possível crise da identidade masculina, pois com a desestabilização comportamental analisada através deste corpus de pesquisa tais mudanças vêm ocorrendo desde a década de 1990, possibilitando-nos concluir, a partir de então, as canções do gênero musical forró passam a relatá-las, o que reflete na cultura de massa, por sua vez, também reflete neste mesmo gênero musical.

O imaginário coletivo de uma região *oligárquico-conservadora* (SANTOS, 1994) modifica-se quando imagens e valores são construídos a partir de canções das bandas de forró que surgem nessa época, ganhando uma nova roupagem, chamado “New forró”, a exemplo disso tem-se a música *Rock do Sertão* (composição Luiz Fidelis – Cd Mastruz com Leite – ao vivo):

Eu vou fazer um forró bem invocado  
Meio parecido com esse tal de Rock Roll  
**Uma sanfona com o som bem distorcido**  
**Um zabumba bem curtido e**  
**Um triângulo com pedal**

Aliando novos instrumentos à sanfona, ao zabumba e ao triângulo, modificam-se antigos padrões, tornando-o “estilizado”, enquanto na década de 50 as canções de Luiz Gonzaga ainda permaneciam atreladas às antigas tradições do gênero musical, resistindo ao novo, ao moderno, o que ele costumava chamar de “Forró puro”.

Analisando essas inovações, podemos perceber que não só a questão do gênero musical, mas também o comportamento cultural do homem nordestino passa a ter reformulações em seus alicerces. Nessa mesma perspectiva de mudanças comportamentais observamos que o nordestino mantenedor de antigos moldes do patriarcado parece, nesta lógica, perpetuar um imaginário coletivo masculino, ao mesmo tempo em que essas bases culturais são questionadas e outros ou novos comportamentos de sujeitos são inseridos na prática do nordestino, configurando-se, assim, uma nova paisagem cultural reivindicada pelo sujeito masculino hoje. Desse modo, encontra-se em lugar de destaque nas discussões que envolvem relações de gênero a abordagem do novo homem que enfrenta o antigo homem e a nova

mulher. Portanto, é através dessas mudanças que estudiosos e especialistas afirmam que essa identidade masculina está em crise.

Tomando o conceito de crise, segundo Vila Maior (2003), este estaria intimamente ligado à idéia de ruptura, incerteza, angústia, segurança e superação. Isto é, para ruptura de um estado caracterizado por um grau de equilíbrio, nesse sentido a crise representaria uma (des)continuidade com os parâmetros considerados normais: “entende-se que a crise pode resultar de uma perturbação interna ou externa, provocada pela ruptura do equilíbrio de um processo.” ( VILA MAIOR, 2003, pg. 90).

Nesse sentido, para que a identidade do homem nordestino estivesse passando por uma crise, tal qual os/as teóricos/as aqui citados/as apontam, necessitaria que houvesse uma ruptura (quebra, desequilíbrio, abandono) de sua identidade, ou seja, haveria uma representação da desterritorialização do ser “macho” no Nordeste, fato que oscila, na representação das letras de músicas usadas como corpo de análise, entre o “resistir e o identificar-se”.

## CONCLUSÃO

A década de 90 foi muito expressiva para o surgimento de várias discussões sobre as relações de gênero. As mulheres nesse período já conquistaram espaços antes de exclusividade do homem, fator que fez com que muitos especialistas no assunto começassem a levantar questionamentos acerca de uma possível crise da identidade masculina, frente aos avanços das mulheres.

Seguindo a perspectiva conceitual de crise, segundo Vila Maior (2003), na qual crise seria uma ruptura (quebra, desequilíbrio, abandono), se vinculássemos as mudanças ocorridas nas identidades de gênero a essa noção de crise, estaríamos incorrendo sobre o fato de que o homem possui uma identidade com a qual ele estaria rompendo, e que, desse modo, passaria a ocupar, no mínimo, uma outra identidade. Torna-se importante ressaltar que, como afirma Corneau (1995), a masculinidade, assim como a feminilidade, é construída socialmente, é histórica, mutável e relacional, portanto, ao apontarmos uma crise da identidade masculina estaremos também afirmando que o homem possui uma identidade aprisionável; contudo, sabemos que as identidades são múltiplas, polimorfas e heterogêneas, sendo assim, são construídas historicamente.

Observamos, portanto, que existe uma pulverização nos lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade, e aqui, mais precisamente na região Nordeste, espaço material ou simbólico a que a pesquisa se propõe analisar, ocorre uma série de mudanças tanto comportamentais quanto espaciais. Podemos citar, como exemplo, o momento em que a mulher sai da vida privada do lar e passa a ocupar lugares na vida pública (lugares esses reservados anteriormente apenas ao masculino), como a política; ao passo que o homem passa a incorporar alguns

atributos reservados à imagem feminina, a exemplo de comportamentos “sensíveis” como o trato da pele, da vestimenta, entre outros.

Assim, percebemos que tais mudanças servem de alicerce para que os teóricos/as aqui citados/as e que se dispõem a analisar as relações de gênero apontem para uma possível crise da identidade masculina. É inegável que ainda tais mudanças colocam em xeque os lugares ocupados por homem e mulheres, contudo ao afirmarmos que existe uma crise estaremos negando ao homem aquilo que o constitui como tal, ou seja, estaríamos desvinculando-o de toda uma representação de base falocêntrica que interpreta o que o valida.

A presente pesquisa nos leva a caminhar por esta mesma possibilidade de mudança: mostra-nos que as canções coletadas apontam para uma mudança de comportamento do imaginário coletivo masculino, mudanças essas que fragilizam a imagem do homem “macho”. Fragilidade antes impensada pelo homem viril, forte, dominador e heterossexual com base cultural no patriarcalismo/falocentrismo. E com isso, a partir da década de 1990 identificamos, através das canções analisadas, que o gênero masculino vem passando por inúmeras mudanças que vão desde os lugares ocupados na sociedade, estendendo-se para mudanças comportamentais, culminando em seu estereótipo. Contudo, é imprescindível observar que há reminiscência do patriarcado ainda fiéis e “imunes” a toda questões de mudanças; Assim, e tomando como base tais mudanças, não é possível afirmarmos que na região Nordeste o homem esteja passando por uma crise da identidade masculina.



## ABSTRACT

This article is the result of research conducted in 2006, by Institutional Program of Scientific initiation scholarships PIBIC/CNPq/UEPB-, directed by Prof. Dr. Antonio de Pádua Dias da Silva, entitled "representation of the Male in the imaginary Musical" Forró ", in the area/sub-area."LINGUISTICS, LETTERS AND ARTS (LLA), 8.02.07.00-6- Other Vernacular Literatures." Aimed to answer some concerns that arise in the context of the humanities, in gender issues: whether there is a crisis of the male in the Northeast region, being represented in the songs of forró. Such questioning becomes necessary in order that the studies raised about gender relations pointed to a possible male crisis in contemporary times, Nolasco (1995). In the context of Le Rider (1992), a certain idea of deconstruction of male appears closely linked to the transition to modernity. In this way the crisis would be linked to a major cleft occurred in the relationship man/woman, about to change some values and behaviors. This article is based on reporting the survey conducted to see whether or not there is gender structures in a crisis. Our sewing in the research had as a backdrop the northeastern culture, because in the face of multiple cultural discourses that sustain a possible crisis in the subject man-the Northeast, still holds solid basis falocêntrica and patriarchal culture. The main objective of the research was so only investigate if what the critical chain "masculism" points as an unquestionable truth – the crisis of contemporary man – directly corresponds to the contemporary representation of this same man in forró lyrics. Discuss concepts and the historicity of the musical genre here quoted, it wouldn't fit in the proposal of the research conducted, as well as discuss the fundamentals of the genre it beyond the critical theoretical limits-critical research. However so only when it appears, the musical genre forró, concerns the power relations established between the falocêntrica and other bases.

**KEY-WORDS:** Representation, Male, Forro

## REFERÊNCIA

- ALBEQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 2. Ed. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ALBEQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: Uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (Nordeste – 1920/1940)*. Maceió: Edições Catavento, 2003.
- BARASCH, Mara. Sexo e Afeto no Cotidiano do Homem In: *Homens: Comportamento, Sexualidade e Mudança*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 93-119.
- BORDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- CHAGAS, Golbery de Oliveira. *As representações de masculinidades nordestinas no gênero musical forró na pós-modernidade*. Campina Grande, Universidade Estadual da Paraíba, 2005, monografia de conclusão de curso (Letras).
- CONNEL, R. W. Políticas da masculinidade, educação e realidade In: *Gênero e Educação*. Porto Alegre, UFRS, v. 20, nº2.
- CORNEAU, Guy. Paternidade e masculinidade In: *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995. p. 43-52.
- CRUZ, Elizabete Franco. “Quem leva o nenê e a bolsa?": o masculino na creche In: *Homens e Masculinidades – Outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998. p. 235 -255.
- DAMATTA, Roberto. Tem Pente Aí? Reflexões Sobre a Identidade Masculina In: *Homens: Comportamento, Sexualidade e Mudança*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 31-49.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer o Homem a partir do Gênero e para além do Gênero In: *Homens e Masculinidades – Outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998, p. 31-50.

KALCKMANM, Suzana. Incursões ao desconhecido: percepções de homens sobre a saúde reprodutiva e sexual In: *Homens e Masculinidades – Outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998, p.79-99.

KIMMEL, Michael. La producción teórica sobre la masculinidad: nuevos aportes. ediciones de las mujeres. Santiago: *Isis internacional*, nº 17, p. 129-38, 1992.

LE RIDER, Jacques. *A Modernidade Vienense e as Crises de Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.

VILA MAIOR, Dionísio. *O sujeito Modernista – Fernando Pessoa, Mario de Sá Carneiro, Almada Negreiros e Antônio Ferro: Crise e superação do sujeito*. Lisboa: Universidade Aberta, 2003.

MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia In: *Homens e Masculinidades – Outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998, p.145-161.

NOLASCO, Sócrates. *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NOLASCO, Sócrates. Um “Homem de Verdade” In: *Homens: Comportamento, Sexualidade e Mudança*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 13-29.

TREVISAN, João Silvério. O Espetáculo do Desejo: Homossexualidade e crise do masculino In: *Homens: Comportamento, Sexualidade e Mudança*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 51-91.

TRINDADE, Zeide A. As Representações da Paternidade e da Maternidade: Implicações no processo de aconselhamento genético. In: *Homens e Masculinidades*. São Paulo: SENAC, 1991.

VILLELA, Wilza. "Homem que é homem também pega Aids?" In: *Homens e Masculinidades – Outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998, p.129-142.

### **CORPUS DE ANÁLISE**

Amazan - viciado em mulher, PB, Estúdio Ponto Som, S/D.

Banda Fogo na Roupa, S/L, Artes Visuais, S/D.

Banda Magníficos - ao vivo e inéditas, PB, PE e PI, Somax, S/D.

Banda Magníficos - Edição especial, S/L, Somax, S/D.

Banda Magníficos - fonte dos desejos, S/L, Sony Music, S/D.

Banda Magníficos - meu tesão é você, PE, Somax, 1996.

Banda Nóda de caju - pétalas de néon, PE, Somax, S/D.

Banda Styllus - flertes, CE, Som Zoom, 1998.

Banda Tallenttu's, PB, Estúdios Prosound, 2000.

Brasas do Forró Vol. I ao vivo. CE, Proaudio, 1999.

Calcinha Preta - a moçada é só o filé – vol. 4, A. S/L, V. Produções, S/D.

Capim com Mel - vol. 1, S/L, S/G, 2000.

Cavalo de Pau ao vivo, CE, Som Zoom, S/D.

Caviar com Rapadura - Don't Go. PE, Somax, S/D.

Chiclete com banana - São João de rua, BA, BMG, S/D.

Dominguinhos ao vivo, S/L, Universal Music LTDA, S/D.

Elba Ramalho - Baioque. RJ, Estúdio Mega, 1997.

- Elba Ramalho - flor da Paraíba, RJ, Som Zoom, 1998.
- Elba Ramalho - Sou eu teu amor. RJ, Estúdio Mega, 1999.
- Eliane - na paz do seu sorriso, S/L, Continental, 1995.
- Eliane, SP, Estúdio RGE, 1997.
- Fagner - ao vivo Vol. I. CE, S/G, S/D.
- Fagner - Super Sucessos Vol. II. SP, Polydisc, S/D
- Fagner - Super Sucessos. SP, Polydisc, S/D.
- Flávio José Filho - do dono. S/L, LBC, S/D.
- Flávio José - sem ferrolho em sem tramela. S/L, LBC, S/D.
- Flávio José - sempre ao vivo. S/L, LBC, 1998.
- Flávio José, S/L, Somax, S/D.
- Forró da Brucelose e Gilson Neto, S/L, Gênese Comunicação, S/D.
- Forró da Brucelose Vol. III. PE, Somax, 1997.
- Forró da Terra Vol. II. CE, For All, 1999.
- Frozzão Calcinha Preta, CE, S/G, S/D.
- Frozzão Sabor e Alho. PB, Digital Line S/A, 2000.
- Frank Aguiar Vol. 06. S/L, Abril Music, S/D.
- Jakson do Pandeiro. S/L, Milenium, S/D.
- Jorge de Altinho. S/L, Stúdio Gusdel, S/D.
- LP Nordeste "Cabra da Peste". S/L, S/G, 1973.
- Luciene Melo - Vem me Possuir. SE, Caranguejo Record, S/D.
- Luiz Gonzaga - sanfona do povo S/L, S/G 1965
- Luiz Gonzaga - "Lua". SP, BMG, 1998.
- Luiz Gonzaga - ó veio macho S/L, S/G 1958
- Luiz Gonzaga - quadrilhas e marchinhas juninas. S/L, S/G, 1994.

Luiz Gonzaga - raízes nordestinas. SP, EMI, 1999.

Mastruz com Leite - ao vivo - vol. III. CE, Som Zoom, 1999.

Mastruz com Leite - ao vivo, CE, Som Zoom, 1997.

Mastruz com Leite - Cabeça de Bob's X Barriga crescida. CE, Som Zoom, S.D.

Mastruz com Leite - Canta Trio Nordestino. CE, Som Zoom, S.D.

Mastruz com Leite - Cantigas de Roda. CE, Som Zoom, S.D.

Mastruz com Leite - Coração de Pedra. . CE, Som Zoom, S.D.

Mastruz com Leite - é Brasil, CE. Som Zoom, 1998.

Mastruz com Leite - Feira Dançante. CE, Som Zoom, S.D.

Mastruz com Leite - Moto Táxi. CE. Som Zoom, 1998.

Mastruz com Leite - Mulher, CE. Som Zoom, 1998

Mastruz com Leite - Tatuagem. CE, Som Zoom, 1998.

Mexe Ville, PB, Pro-Audio, S/D.

Moleca 100 Vergonha Vol. II - A Caceteira do Forró. S/L, Primavera 200, S/D.

Nando Cordel - Super Sucessos. PE, Somax, S/D.

No Nordeste na voz de Luiz Gonzaga S/L,S/G 1959

Nóda de Caju ao vivo. CE, S/G, 1998.

O Grande Encontro Vol. II. SP, S/G, S/D.

O melhor de Luiz Gonzaga. S/L, BMG, 1998.

Rita de Cássia e Redondo. CE, Som Zoom, S/D.

Rita de Cássia Voz e Violão, Vol. I. CE, Som Zoom, S/D.

Sirano do batente a fora cabra solteiro. S/L, Royal Music, 1996.

Walkyria Santos. S/L, Studium Produções, S/D.

Xamego de Menina, Vol. VI. S/L, S/G, S/D.

**LEGENDA**

S/D = Não consta data

S/G = Não consta gravadora

S/L = Não consta local